



ALLEMANHA — CIDADE DE TRENTO.

TRENTO, capital do districto do mesmo nome, é a cidade mais importante do condado do Tyrol, de ha muito incorporado no archiducado, hoje imperio de Austria.

A' medida que o viajante desce para o apertado valle que conduz a esta cidade, cada passo lhe revela a proximidade do meio dia. O céu mais limpido, o sol mais ardente, o aspecto geral do paiz, a linguagem sonora e accentuada, a vivacidade dos habitantes, o gosto das construcções, tudo o adverte, tudo lhe mostra claramente, que acaba de sair da fria e austera Allemanha, e vae entrar nas regiões encantadas onde florescem os limoeiros e as lorangeiras.

A pouca distancia de Trento o valle arredonda-se e forma uma larga bacia, torneada de altissimas montanhas cobertas de neve, que nos primeiros dias da primavera se desfazem, e lhe jorram pelas faldas em susurrantes regatos e fontes. Nas cúmiadas das serras criam-se pinheiros, e outras arvores florestaes do norte; mas nas encostas cultiva-se a preciosa vinha, varias especies de cereaes, e as amoreiras; e nos sitios mais abrigados a oliveira e a amendoeira. Os campos, que rodeiam Trento, emoldurados por elevadas serranias, cujos contornos, fortemente accidentados, se desenhavam graciosamente no azul escuro do

céu, offerecem um espectáculo, ao mesmo tempo severo e delicioso.

Trento, a antiga Tridentum, collocada no centro d'este valle magnifico, e sobre a margem esquerda do Adige, conta hoje cerca de 15:000 habitantes; mas, pela sua amplidão, podia sem duvida conter tres vezes mais.

As ruas são largas, as casas, de ordinario, bem construidas, algumas de suas igrejas sumptuosas e enriquecidas de bellos quadros. O edificio porém mais notavel é a cidadella, onde presentemente estanceiam as diversas repartições publicas locais. vasta fabrica construida no estylo gothico, decorada de marmores e de pinturas a fresco.

Trento é a sede de um bispado. Na igreja de Santa Maria Maior, onde se congregou o ultimo e celeberrimo concilio geral, que esteve reunido desde 1545 a 1563, existe um grande quadro, que representa aquella assembléa ecclesiastica. Ao concilio Tridentino assistiu o virtuoso e venerando archbispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

O Adige, que atravessando o valle de Trento, vae lançar-se no Adriatico, é um rio extraordinario pela rapidez do seu curso, mais parecendo uma torrente precipitada, que um grande rio de amplo leito.

SCENAS DE ESCRAVATURA.

IV.

O COLONO.

A sorte dos colonos na America tem tanta analogia com a dos captivos africanos, que nos resolvemos a incluir o presente quadro sob a epigraphe geral de *scenas de escravidão*. Pela verdadeira narração que vae seguir, o leitor avaliará se tivemos razão em considerar o pobre emigrado europeu como uma das figuras que formam o grande e lastimoso grupo da servidão no novo mundo.

O dia primeiro de janeiro de 1845 despontou calmoso, como poucos, sobre a cidade do Rio de Janeiro; ás dez horas da manhã faltava a respiração n'aquellas ruas abrazadas pelo sol, nem á beira de agua se sentia a menor bafagem!... Alagado em suor, e de bôca aberta, procurando aspirar algum ar, atravessava eu, a essa hora, o largo do Paço, fazendo a diligencia por alcançar o mais depressa possível uma das ruas que conduzem a S. Francisco, quando um objecto estranho me fez parar de repente. Era um homem semi-nú e descalço, que guiava uma carroça, puchada por magro cavallo, e que chegando-se a mim, tirou da cabeça um esfarrapado chapéu de palha, e dirigiu-me estas palavras:

— «V... é official da fragata portugueza?»

— «Sou,» respondi eu; «e em quanto esperava pelo que accrescentaria o meu interlocutor, tive tempo de lhe examinar a physionomia n'um relance. Era branco, parecia europeu, estava muito tostado do sol, e magro em extremo; indicava ter soffrido grave doença, e que o enfraquecimento moral seguia de perto o physico. Os seus olhos reflectiam uma boa alma. Quiz ajoelhar n'aquella arêa, que escaldava os pés, mas eu pude impedir-lh'o a tempo, e então continuou:

— «Ah! senhor, salve-me da escravidão; obtenha-me passagem na fragata para a minha terra, aonde provavelmente ella irá... a ilha Terceira.»

— «Creio que não haverá duvida n'isso; já lá temos a bordo outros colonos, que não fizeram fortuna no Brazil. A fragata ainda não parte, porém o commandante não lhe ha de negar praça a bordo. Espere amanhã por mim no caes do *Thoroux*, e eu o apresentarei.»

— «Deus lhe pagará essa esmola,» respondeu o desgraçado, querendo beijar-me as mãos.

— «Até amanhã. O sol está muito quente, não convida a conversar exposto aos seus raios.»

— «Estou bem costumado a elle... e a tudo!» murmurou o pobre *ilheu*, afastando-se com a sua carroça na direcção do chafariz, em quanto eu caminhava a largos passos para a rua do Ouvidor, o *Chiado* do Rio de Janeiro.

D'ahi a meia hora, dizia eu ao amigo R., entrando no pavilhão fronteiro ao passeio publico: «Creio que tenho uma interessante historia para juntar ás do principe Jaca e de Simeão; um escravo de outro genero, que vae amanhã para bordo da *Diana*... não sei se fica mais livre!»

E repeti ao meu amigo o dialogo que o leitor acaba de ouvir. Era um presentimento! No dia seguinte, José de Bettencourt (o colono) ia sentado junto a mim no escaler da fragata; e em quanto outros passageiros marieiros faziam vergar os remos para dar velocidade á embarcação, contava-me elle a sua historia nos seguintes termos (se a memoria me não falla):

— «Nasci na villa da Praia; meus paes eram mui-

to pobres, mas apesar d'isso a sua perda foi para mim irreparavel! Ainda era muito creança quando fiquei só no mundo; abandonado de todos, sem parentes, sem protectores... comecei a viver do miseravel producto de um trabalho violento e mal retribuido. Arroteava os campos de um morgado, que passeava em Lisboa; e o seu feitor, homem feroz, tratava-nos a mim e aos meus pobres companheiros, como se fomos seus escravos. Elles mudaram de amo, hoje um, outro amanhã... eu tinha amor áquelle logar aonde nascêra... e que iria buscar mais longe? Aonde? O que?... Por varias vezes me tinham fallado em emigrar para a America, diziam-me que seria rico em pouco tempo; porém eu receiava atravessar o mar, e, apesar de ignorante como era, e ainda sou, nunca me persuadi que pudesse alcançar em outra parte as sonhadas fortunas que me promettiam, e que a minha terra me não dava.»

— «Raciocinando assim, como emigraste?»

— «Ah, senhor! A *borboleta* hem vê que se queima, mas nem por isso foge da luz; isto era destino meu... mas peor foi a causa da minha emigração, do que os tratos que soffri a bordo e na roça.»

— «Se não é segredo, conta-me isso.»

— «Vou contar-lhe tudo,» proseguiu o colono, enxugando uma lagrima que lhe fugia ao longo da face sulcada pelo soffrimento. «Na villa da Praia havia uma rapariga, modesta e recatada, que eu amava ardentemente, e que tambem muito me queria a mim; porém, infelizmente tinha parentes de quem dependia, não era orfã, e por isso livre, como eu. Quiz casar com ella, mas seu pae, que tinha algumas geiras de terra, admirou se muito das pretensões d'um simples trabalhador, e não só me negou a filha, mas fez com que fosse expulso da casa onde trabalhava, para me obrigar a fugir d'ali!... Aquelle velho fez a minha desgraça e a de Maria!»

— «Parece-me que adivinho,» interrompi eu com pretensões a experto; «seduziste a filha...»

— «Não, senhor; muito peor.»

— «Então, mataste o pae...»

— «Ainda muito peor!»

— «Que succedeu pois?» perguntei eu, com muita curiosidade, e ao mesmo tempo corrido por não ter acertado no alvo.

— «Isto custa a dizer!» murmurou Bettencourt, e fez uma breve pausa. Depois creando animo, continuou: «Vendo-me sem trabalho, resolvi emigrar, e fallei para isso com um agente da barca *Feliz*, que se esperava a cada hora; o ajuste fez-se n'um momento, não tinha tempo para pensar nas condições; nem as eu vi; tudo me servia. Porém a lembrança de Maria não me deixou dormir essa noute; e na manhã seguinte fui dizer ao agente, que tinha mudado de tenção, que já não ia para o Brazil. Ora, o homem parece que não tinha muita carga prompta, porque começou a indagar o motivo da minha resolução, e de tal finura usou, ou tão parvo era eu, que lhe contei a historia dos meus amores. Então, aquelle monstro teve uma lembrança infernal, mas que eu abracei immediatamente, porque adorava Maria, e accitava tudo menos perdê-la; propoz-me que a convencesse a abandonar de noute a casa de seus paes, e a fugir comigo para o Brazil, que lá se faria o casamento. Segui os conselhos d'aquelle Satanaz em figura de homem, e perdi-me... e perdi-a... pobre Maria!» (As lagrimas bailavam nos olhos do colono, e os soluços entrecortavam-lhe o discurso). «Quando appareceu no horisonte a barca *Feliz* era quasi sol posto; o embarque devia ter logar ás nove horas da noute; Maria estava prevenida, tinha resolvido seguir-me a toda a parte, e pou-

co depois das oito horas, largou para sempre a casa de seus paes, e com ella o manto de honestidade que até ahí a cobria; e fomos, com outros muitos infelizes, apinhados em uma lancha, tomar os nossos logares a bordo da barca, que promettia conduzir-nos a um paraizo de ouro e de amor! . . . A illusão durou poucas horas, e o desengano foi pungente. . . Custa a crer como se resiste a certas dores!»

— «O senhor sabe,» proseguiu elle, depois de enxugar o suor frio que lhe inundava o rosto, «que a bordo de um navio de colonos não ha distincção de sexos; o alojamento é commum, como nas embarcações negreiras: lembre-se o que eu soffreria, vendo a mulher, que respeitava como se fosse minha irmã, em quanto um sacerdote não santificasse a nossa união, confundida entre mulhêres e homens, quasi todos de maus costumes, e exposta a soffrer qualquer insulto na minha ausencia. Não tardou que, na minha presença mesmo, o piloto lhe não desse um abraço; porém eu tinha uma faca comigo, e se me não seguram seiá ou outro homens, tinha morto o piloto. Fui prezo a ferros, e por oito dias condemnado a pão e agua, para amansar, dizia o capitão; porém esses castigos não me affligiam: o que eu queria era ter ao pé de mim a pobre Maria . . . vãos desejos, que serviram de moza á tripulação, e aos passageiros tambem! Não podendo salvar Maria, imaginei perder toda aquella gente: incendiar o navio ou fazer-lhe um rombo, era o que me lembrava; mas não tinha meios de executar nenhum d'esses planos, por que o recinto era pequeno, e havia ahí mais de duzentas pessoas com apêgo á vida . . . d'ahí a um mez já muitas o teriam perdido! . . . Sem forças para fazer nem o bem nem o mal, separado quasi sempre de Maria, fui perdendo o vigor por tal forma que, quando chegamos a Pernambuco, e que os primeiros *senhores de roça* vieram a bordo escolher colonos, disse um d'elles, depois de me examinar miudamente: «Este é bom para deitar ao mar!» Eu ri-me, porque Maria estava junto de mim . . . mas não era passada meia hora, e a mais cruel das angustias, as mais desesperadoras torturas, me dilaceravam o coração! Ainda me parece um sonho! . . . E foi realidade . . . oh! se foi! . . .»

Os olhos de Bettencourt estavam agora embaciados, e como fixando um objecto além do horizonte visível.

— «Eu vi,» continuou elle, «um homem baixo, grosso, vermelho, que parecia vender saude e alegria, aproximar-se da mulher que eu adorava, separar-lhe os beigos para ver se tinha bons dentes, examinar-lhe o pescoço em procura de signaes de escrofulas, e ía continuar o exame, quando eu, fraco como estava, me lancei a elle e o segurei pelo pescoço: o homem gritou por soccorro, acudiu muita gente, e fui novamente mettido no porão a ferros, d'onde não saí senão quando a barca partiu de Pernambuco para o Rio, com os poucos passageiros que não tinham encontrado quem os quizesse para servos. E não enlouqueci! E não morri! . . . E Maria ficára com o homem gordo que eu maltratei . . . ficava em Pernambuco, e eu navegava para o Rio; ficava abandonada, sem defeza, perdida, deshonrada . . . e tinha sido eu que a arrancára de casa de seus paes! Oh! que isto custa muito . . . muito! E só metade do calix da amargura estava ainda despejado; a outra metade, até ás ultimas fezes, esgotamol-a depois; bem lhe sinto o travo, hei de senti-lo até á morte! Assim mesmo a mocidade e a creação nos campos podem muito contra os desgostos, os maus tratos e a propria doença; quando cheguei aqui, ninguem me quiz alugar, mas passado um

mez, durante o qual estive rigorosamente prezo a bordo, appareceu um *senhor de engenho*, que pagou a minha passagem, e fiquei então livre de bordo, mas sujeito ao meu novo senhor . . . era mudar de escravidão para escravidão, e sempre para peor. Porém eu tinha concebido um plano atrevido; ainda tinha uma vaga esperanza de que Maria se conservasse pura, e sonhava dias de felicidade na sua companhia. Tratei de robustecer, apesar do excessivo trabalho que tinha na roça para onde me mandaram, a apanhar café, por estes dias de sol, um homem branco! . . . Mas robusteci, e ao cabo de dous mezes fugi da roça, alcancei praça n'um patacho brasileiro, que partia para Pernambuco, e escapando ás pesquisas de meu amo, que offerecia um premio a quem descobrisse o meu refugio ou me prendesse, como eu mesmo li nos annuncios dos jornaes, vi com alegria ficar-nos pela pôpa estes morros e estas ilhas, e foi com alvoroço que enxerguei as praias do Recife! . . . Mas ah! como parti segunda vez de Pernambuco!» . . .

O escaler ía atracando á fragata; foi necessario interromper a narração; mas passado pouco tempo, e achando-se já alistado na marinha real portugueza, o nosso Bettencourt, veiu procurar-me ao tombadilho, aonde eu já o esperava com impaciencia, e concluiu a narrativa, como o leitor verá no seguinte capitulo.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XXX.

Outras coutadas.

A FALTA de segurança das pessoas e da propriedade na idade media é facto, que todos conhecem. Na provincia do Alemtejo, onde as povoações deixavam entre si largos espaços desertos, era ainda mais facil o ataque á propriedade, e mais difficil ao mesmo tempo a prova em juizo, e por ella a perseguição legal dos que se apossavam violentamente do alheio. Tomou-se em tal caso o expediente, que as idéas do tempo aconselhavam, e as circumstancias do paiz permittiam. Os queixosos, todos ou quasi todos senhores da grande propriedade, obtinham d'el-rei cartas de privilegio, nas quaes defendia que em suas herdades se cortassem hervas, derrubassem arvores, ou por qualquer modo damnificassem os fructos sob graves penas; e ao mesmo tempo concedia aos donos das herdades e a seus familiares certa jurisdicção e auctoridade sobre os contraventores; donde vem que essas herdades se diziam *coutadas*, e muitas tomaram o nome, que ainda hoje conservam, de *defezas*. Era tambem aqui prohibida a caça; mas esta prohibição claramente se conhece ser o complemento e corollario das outras, e não o ponto fundamental do privilegio. E n'isto se distinguem estas *coutadas* das que ficam mencionadas no capitulo antecedente.

Para amostra d'esta especie de privilegio porei aqui o summario de duas cartas de *coutada*, concedidas por el-rei D. Fernando no termo de Arrayolos. A 1.^a é dada na propria villa de Arrayolos a 5 de dezembro da era de 1411, anno de Christo de 1373, a Affonso Pires de Molles, vassallo d'el-rei,

morador na mesma villa de Arrayolos, e lhe couta a herdade que elle tem, onde chamam Villa Ladra. Manda el-rei que os juizes de Arrayolos, e todas outras suas justiças não consintam a nenhuma pessoa por poderosa que seja, que lhe metta em a dita herdade gados nenhuns, nem bestas, nem colha em ella herva, nem pasça, nem tome palha, nem talhe lenha em nenhum tempo que seja. E se elle ditodono da herdade achar alguém fazendo o contrario, manda que elle por si e por seus homens os possa penhorar por aquella coima, que é de costume de levarem áquellas pessoas, que por cartas d'el-rei tem coutadas algumas herdades entre Tejo e Odiana, e levar as coimas (1). A 2.^a carta é dada na Atouguia a 16 de outubro da era 1446, anno de Christo de 1378, dirigida aos alcaides, juizes, concelho e homens bons da cidade de Evora e de Arrayolos, fazendo-lhes saber que elle rei, de sua propria e pura vontade e poderio absoluto, querendo fazer graça e mercê especial a Gil Annes, seu vassallo e ouvidor da rainha D. Leonor, sua mulher, o recebe em sua guarda e encomenda e sob seu defendimento a elle e umas suas herdades, que elle ha em termos da dita cidade e villa, as quaes lhe couta por esta forma. Primeiramente manda que ninguem entre a caçar nas ditas herdades coelhos nem perdizes, nem outras caças nenhuma com armadilhas, nem com cães, nem com aves, nem com outras nenhuma cousas; nem outrosim pousem em casas, nem em casaes, se os nas ditas herdades houver. Que da mesma sorte ninguem entre com gados, nem com bestas nas ditas herdades para pascer hervas nem palhas, nem tomem fructas das arvores, nem vão colher lenha, nem hervas, nem talhar madeira nem rama, nem tirem casca, nem outra nenhuma cousa contra vontade do dito Gil Annes, ou d'aquelles, cujas as ditas herdades forem, ou d'aquelles que houverem de ver e lavar e administrar as ditas herdades. Que não colham ali nem tomem palhas, nem hervas, nem galinhas, nem cabritos, nem leitões, nem gados, nem pão, nem vinhos, nem outras nenhuma cousas, que sejam do dito Gil Annes. E qualquer que o contrario d'isto fizer, pague ao dito rei por cada uma vez os seus encoutos de seis mil soldos, e correja ao dito Gil Annes todo o damno e perda, que por esta razão receber, e de mais lhe pague de coima cinco libras, para o que poderá o dito Gil Annes, ou os que por elle estiverem nas ditas herdades, penhorar por si sem outra justiça os que as ditas coimas fizerem, e sejam cridos por seu juramento segundo o costume da dita cidade de Evora e lugar de Arrayolos, e sejam citados perante as justiças dos ditos lugares; e se lhes for provado, essas justiças lhes façam pagar as ditas coimas; e de mais ficando reservado para lhe ser dada outra pena alvidrada ao que o contrario fizer, como áquelle que passa mandado de seu rei e senhor (2).

Os privilegios d'esta natureza abundam nos reinados de D. Pedro I, D. Fernando, e D. João I; e era estylo serem successivamente confirmados pelos reis seguintes; até que, melhorando o estado da sociedade, se foram a pouco e pouco tornando menos necessarios; e se achavam extinctos de facto antes que fossem abolidos de direito pela legislação moderna.

(1) Torre do Tombo. Liv. 1.^o de D. Fernando, fl. 128 v.

(2) Ibidem. Liv. 2.^o de D. Fernando, fl. 42 v. Confirmada por D. João I em Lisboa a 3 de novembro, era 1434. Liv. 2.^o de D. João I, fl. 126 v.

É aqui lugar de mencionar uma tentativa dos ministros ecclesiasticos para se intrometterem na policia rural. No anno de 1714, por instancias do vigario de Arrayolos, o arcebispo de Evora mandou passar ordem, com pena de 50 cruzados, para que nenhuma pessoa assim da villa como do termo cortasse nas herdades lenha de azinho ou de sóbro sem licença dos senhorios das mesmas herdades ou dos lavradores, que as cultivassem. Não nos dizem as memorias o fundamento d'esta resolução ecclesiastica; mas é mais que provavel ter sido a pretexto de prevenir o peccado de furto. Fosse porém qual fosse, isto offendeu o poder civil, e logo a camara participou o acontecido ao seu supremo tribunal administrativo, á junta da casa de Bragança; e este tribunal, por provisão de 18 de maio do dito anno de 1714, mandou á camara usasse dos meios ordinarios interpondo seu recurso para o juiz da corôa; e ao ouvidor da comarca ordenou informasse sobre o caso com toda a brevidade, remettendo a copia do edital do arcebispo (3).

(Continúa.)

J. H. DA CUNHA RIVARA.



O COCUS HISPERIDUM.

De todas as enfermidades a que estão sujeitas as laranjeiras (*Citrus Aurantium* de Linneu) nenhuma causa tantos estragos como a que se manifesta pela presença de um insecto, que se denomina *coccus hisperidum*.

O melhor trabalho, que temos lido sobre este fatal insecto, seus caracteres essenciaes, meios de reprodução, effeitos da sua invasão etc. é uma memoria publicada no boletim do ministerio de obras publicas, escripta por uma commissão de benemeritos proprietarios e agricultores da ilha Terceira; e porque nos pareceu curioso divulgar noticias pouco sabidas, extractamos da referida memoria os trechos mais interessantes.

(3) Provisão original no cartorio da camara: mas so das provisões.

«Segundo a classificação moderna, ou natural, o genero *Coccus*, pertence á familia dos gallinsectos ou cochonilhas da ordem dos hemipteros (azas meias membranosas e mais claras). Os caracteres d'esta ordem, e por consequencia do genero do animal de que fallámos, são, além dos proprios a esta grande classe de animaes, a existencia de um bico tubular redondo de que a sua boca é armada, e que lhes serve para se fixarem ou no tronco dos vegetaes, e absorverem o succo proprio ao seu alimento, ou no pel-lo de alguns animaes, para ali tambem passarem uma vida analoga. Como todos os insectos, estes tambem têm suas methamorphoses: sómente estas são incompletas, e só adquirem azas, de que eram privados quando mais novos.

«A familia pois das cochonilhas comprehende immensas variedades: ella segue outra familia da mesma ordem, a dos aphidios ou pulgões, insectos que tambem vivem, pela maior parte, do succo dos vegetaes, e que igualmente determinam molestias e excrescencias nas arvores, como são a galha, e certos tuberculos nas folhas do carvalho e da avelleira.

«Entre as immensas variedades do genero *coccus*, e entre as muitas especies de cochonilhas descriptas pelos auctores, e entre outros mr. Milne Edwards, e o Dictionario de Sciencias Naturaes, encontra-se uma, que estes auctores dizem viver desde muito tempo no sul da França, e causar grandes estragos nos pomares de laranjeiras, porém não descrevem a sua configuração especial. Sem duvida que é do *coccus hesperidum* que estes naturalistas pretendem fallar, mas n'elles não se encontram nem caracteres nem descripção particular. Trataremos pois de o descrever tal qual o temos observado com o auxilio de um microscopio, cujo maximo augmento é de 600 vezes a grandeza natural.

«A côchonilha da laranjeira é um dos individuos mais pequenos da sua especie: no estado de larva são tão pequenos, que só com o auxilio do microscopio se podem ver; são muito ageis. O macho, mais pequeno que a femea, tem duas azas, o seu corpo é oval, transparente com uma stria longitudinal amarella, terminando-se nas duas extremidades em dous segmentos da mesma côr. Na extremidade anterior vêem-se duas sedas ou antenas, e nos lados do corpo tres pernas de cada banda, articuladas com uma pequena garra na extremidade livre: no estado de repouso as azas cobrem o corpo do animal.

«O corpo da femea é maior, mas tambem oval; parece rugoso, e tambem apresenta a mesma stria amarella como o do macho. Na parte anterior, ou para melhor dizer, na cabeça da femea, existe um pequeno tubo que serve ao animalinho para chupar a seiva da planta, que é o seu sustento, e para fixar o seu corpo, quando tem de se transformar. A existencia do macho é muito curta, e fica junto da femea o pouco tempo que dura a sua vida.

«Quando a femea tem chegado a um certo ponto de desenvolvimento, ella construe uma especie de ninho com uma secreção do seu corpo, analoga áquella que as aranhas secretam quando fabricam suas teias, e fixam-se por uma vez na casca do vegetal. Desde então o seu abdomen toma um grande desenvolvimento, o seu corpo torna-se duro, e escuro, e dá ao animal o aspecto de uma semente de linho. Debaxo d'este corpo assim transformado, é que os ovos se desenvolvem, e quando os novos animaes têm chegado ao estado de larva, perfuram a casca que lhes serviu de abrigo, e saem para ir procurar o seu sustento, e para soffrerem as mesmas mudanças que seus paes experimentaram.

«A reproducção n'estes animaes é espantosa: parece que cada femea põe mais de 200 ovos.

«Não se pôde explicar a rapida apparição d'este insecto em quasi todas as laranjeiras de um pomar, quando n'elle exista uma só laranjeira infectada, senão por meio da atmospherica e dos ventos que transportam as femeas já fecundadas, de umas para as outras arvores, por isso que os machos têm azas, e não nos pareça isto um mysterio da natureza, como pretende o sr. Torres, de S. Miguel, na sua memoria sobre o *coccus*.

«2.º Os accidentes causados pelo *coccus* são, primeiramente uma especie de abatimento em que cae a arvore onde elle existe, e depois um verdadeiro marasmo, que quasi sempre occasiona a morte do vegetal. O fructo, em quanto a laranjeira o pode dar, é menos succulento, e mais insipido, os pequenos ramos e os mais frageis principiam a murchar, e em breve seccam completamente.

«Eis os resultados da falta de nutrição, a qual não é sufficiente para o vegetal, por isso a maior parte da seiva, e sobre tudo aquella que é destinada aos novos rebentos, e aos orgãos da reproducção, é absorvida e chupada pelas camadas do insecto que revestem a casca de quasi toda a arvore.

«3.º A origem do bicho da laranjeira, nos Açores, parece datar de doze para quatorze annos, e parece ter sido importado primeiramente para o Fayal por meio de umas plantas da America, e d'esta ilha para a de S. Miguel. Mas na ilha Terceira é voz constante ter vindo do Brazil em umas laranjeiras que d'ali foram trazidas.

«Em quanto á opinião d'aquelles que o reputam filho da influencia atmospherica, ella é erronea; por quanto a theoria das gerações espontaneas, e de gerações devidas ao acaso, por assim dizer, já não tem sectarios, por isso mesmo que se repugna admittir, que de corpos inanimados possam provir entes dotados de movimentos voluntarios.»

Eis-aqui como os illustres auctores da memoria se exprimem ácerca do bicho das laranjeiras. A sua descripção é exacta; a molestia que mais damno tem feito nos pomares dos Açores e nos do continente está ali diagnosticada com saber e critica. Infelizmente porém aquelle trabalho não resolve a questão do tratamento que mais convenha ás arvores affectadas.

Muitos remedios se tem imaginado; todavia a sua efficacia é mui duvidosa, o que não obsta a que se façam todas as experiencias, que a pratica esclarecida aconselhar. O que parece comtudo tersido seguido de mais vantajosos resultados é o que consiste em limpar cuidadosamente a arvore, podando-lhe os ramos seccos ou inuteis, e pintando depois os troncos, com oleo de linhaça fervido, a que se deve juntar um pouco de seccante. Affiança-se que esta especie de verniz, não só mata o insecto existente; mas obsta á accumulção de novas camadas.

As nossas gravuras representam o insecto macho; alguns ovos de *coccus*; e a face inferior do insecto femea, transformado n'uma especie de concha.

AUSENCIA.

SAUDADE, magua, receio,
D'ausencia os males são.
Ignora quem os não soffre
Martyrios do coração.

A lembrança de contínuo,
Qual duro espinho pungente,
Redobra em echos saudosos,
Viva dor, que o peito sente.

Já nas fallas, que s'escutam,
Na similhaça illusoria ;
Uma vista, um som oh tudo,
São reclamos da memoria.

Nas auras, que brandamente
Estão a flor balouçando ;
E não ha muito — quem sabe ?
Em seus cabellos brincando.

Em nuvemzinha rosada,
Que do poente caminha,
O carmim da face sua,
Meu peito logo adivinha.

No sol, que vivo dardeja,
Que se espalha em fios d'ouro,
Entre mil, distingo o raio,
Que alumia o meu thesouro.

Na superficie anilada,
Que a brisa apenas ondeia,
De seu peito o arfar eu sinto,
Vejo-lhe a azulada veia.

Se á fonte o murmurio escuto,
Cuido ouvil-a suspirar :
Se suas aguas contemplo,
D'ella a imagem cuido achar.

Se, no pinhal verde-negro,
Escuto a rôla gemendo,
As queixas d'ella, saudosas,
Os seus ais me está dizendo.

Na flor, as gotas d'orvalho,
Para mim, lagrimas são :
São as maguas de seu peito,
As pétalas em botão.

Os mil tormentos d'ausencia,
Seus espinhos já me dizem ;
A verde folha — que em breve,
Nossas penas finalisem.

No céu, nas aguas, nas flores,
Acho em tudo similhaças,
Eterno fio a prender-nos,
Em doces, vivas lembranças.

— A' chalreante avesinha,
Que fendendo os ares vem,
Mudamente então pergunto,
Que novas trazes d'além ?

Desce e conta-me o que viste,
Ha pouco — agora talvez :
Que do alto céu onde habitas,
Porventura ambos nos vês.

Meus versos toma em teu bico,
E transpondo aereo espaço,
Bem-ídas novas lhe leva,
Soltando-os em seu regaço.

Veloz, celeste correio,
Nas tristes horas d'ausencia,
Semeia doces instantes,
De mútua correspondencia.

— Da noute, o silencio mudo,
Remanso do pensamento,

Até n'elle a dor se aviva,
Renasce cruel tormento.

Oh ! então, a sós comsigo,
Qual seixe de luz cadente,
Que em si mesmo se reflecte,
Mais se atêa a propria mente.

Entre varios, de mil modos,
Receios, que já concebe ;
Qual ave preza forceja,
Quando envolta em viva sébe.

Embora a razão discuta,
E na mente almo repouso
Debuxe — qual meiga lua,
Brilha em céu caliginoso.

É farol, que se diz perto,
Terra, terra appetecida ;
Ao mesmo tempo a fugir-lhe,
Breve, logo nos convida.

Que importa bemvinda nova,
De ha pouco, d'hoje, d'agora :
Se em momento fugitivo,
Ventura, desgraça mora !

Se'inda o astro não acaba
D'espalhar-se rutilante ;
E já nas trevas occulto,
Fenceceu no mesmo instante !

Se n'um ai se quebra o fio,
Que prendia vida, e morte ;
N'um só ai — a eternidade,
N'um só ai — do mundo a sorte !

Cruel duvida ! — que a mente
Circula de agudo enleio,
Que dispára n'um só tiro,
Saudade, magua, receio !

Que se a esperanza desejada
No peito brotando vem,
Como em calva serrania
Brilha candida cecem.

Já — qual mortifera serpe,
Solta venenosa essencia,
E a flor d'esperança queimando
Redobra os males d'ausencia. . .

Mafra, julho de 1854.

J. DA COSTA CASCAES.

A FAMILIA DO SENHOR CAPITÃO-MÓR.

QUADROS DA VIDA DE PROVINCIA.

II.

ESTAMOS sentados á meza. A morgada, quasi enco-
berta por uma enorme terrina de louça da India, e
afflicta com o vapor da canja de arroz que tem dian-
te de si, tosse amiudadas vezes franzindo a testa, e
arqueando o sobr'olho. A cêa promette ser diverti-
da. Sentado entre o capellão e um dos parceiros do
voltarete, que já mencionei de relance, procurarei

tirar todo o partido possível da minha optima posição. De relance descreverei aqui o meu visinho. Homem de quarenta a quarenta e dous annos, sepultado vivo n'uma inflexível gravata branca, falla pausado e em tom de oraculo, com uma sufficiencia digna de melhor cabeça.

Antigo assignante do Archivo Popular, sabe de côr um milhão de anedotas, mais ou menos chistosas, que elle conta como suas com uma semsaboria pouco vulgar. Charadista por inclinação, caminha desassombrado até ao conceito, quasi que sem dar por isso. O physico resente-se-lhe da leitura. Desbotado como uma gravura do Archivo, e rombo como um epigramma da Revista Popular, passa a vida comendo o dinheiro que ganhou agiotando em Lisboa, dormindo a sésta nas tardes calmosas de verão, e jogando o voltarete, ou a manilha fallada, nas compridas noutes de inverno. Em pequeno lêra o Carlos Magno com tamanho interesse e avidez, que ainda se enthusiasma pela gigante Amiota, quasi tanto como um inglez pela ginger-beer, e um patriota allemão pela unidade germanica. Amigo de bons bocados, joga por habito em casa da morgada, aonde o ganho é certo. Se as cartas lhe não vão bem, tem a cêa por indemnisação dos codilhos. Agiota retirado, é gastronomo em activo serviço. Em ambas as occupaões se avanta o bom do provinciano. Deixemol-o por em quanto aquecendo-se com a canja com a sua habitual gravidade, e prosigamos este capitulo.

O silencio é solemne, como sempre acontece no começo de todas as refeições. De bocado a bocado a velha agafata suspira e acotovela o major, que, de vedeta a um enorme lombo de porco, nem sequer pestaneja. Uma das meninas está sentada diante de mim. Entre ella e a velha agafata, um vulto quasi mythologico, uma especie de Saturno da fabula, trincha magestosamente um pato bravo. A casaca de briche sobe-lhe imprudentemente até á nuca, servindo-lhe de gola e de almofadinha ao mesmo tempo. Antigo frequentador do Nicola, é quasi que um cicerone officioso da pezada Lisboa do tempo de José Daniel. Para elle não ha monumento artistico como o lagarto da Penha, nem solidão mais aprazivel do que as hortas de Chellas. Perna fixa dos extinctos outeiros, tentou por mais de uma vez levar a cabo uma decima, sem poder achar duas consoantes em ão. O que não tinha conseguido haver, dava-o hoje pelo amor de Deus. Desertor do Parnaso, o commissariado abríra-lhe os braços, e o que não tinha alcançado das musas, disfructava-o agora pacificamente grangeado pela sua agencia. Não perdêra porém de todo a mania de fazer linhas curtas, que elle chismava de versos com o maior sangue frio do mundo. Em sonetos considerava-se modelo, e ninguem tinha a audacia de fazer annos em casa do senhora morgada, sem ser memorado com quatorze versos, asperos de arripiar os cabellos, e mancos de fazer dó á gente. Era o sabixão da terra. Desde o bilhete amoroso até á correspondencia hybrida para os jornaes politicos, tudo era obra d'aquelle genio em disponibilidade. Descripções de luminarias, macrobios celebres, plantação e cultivo da fava, necrologias e sonetos de annos, tudo eram trabalhos seus. Vel-o sorrir era uma graça especial, e raras vezes merecida dos profanos. Por desgraça do nosso amigo o amor entrára com elle. Apaixonado por uma das meninas da casa, mais de uma resma de papel se lhe tinha ido em madrigaes e acrosticos, sem esperanças de feliz resultado. No S. João que passára, tinha queimado alcachofras, que iloriram e rebentaram como se as não houvesse queimado. Era este o ponto de

partida do illustre poeta. Como vêm, as suas esperanças eram cercadas de espinhos. Dotado de animo varonil, tinha uma vontade de ferro; o que hoje fazia por amor, tinha-o d'antes feito por ambição. Assim explicavam os seus innumeraveis inimigos a maneira por que tão de repente enriquecêra á custa da bolsa alheia.

Os convivas iam-se animando. Um gordo perú, habilmente trinchado pela menina mais nova, acaba de passar por diante dos ávidos olhos da agafata, que o passára ao padre, do padre ao major, e do major ao meu visinho do lado, aonde fizera alto. A conversa, ha pouco encetada a meia voz a uma das cabeceiras da meza, vae-se tornando geral. Uma companhia de actores ambulantes, ha pouco chegados á terra, é o assumpto do dialogo entre a morgada e uma das filhas. A tragedia «Ignez de Castro» e a farsa «Manuel Mendes» tem alvorotado a villa inteira.

O capellão, entusiasta de censura prévia, assistira ao ensaio geral, e affiança á senhora morgada, que as duas peças em questão não offendem a boa moral, e podem ser vistas sem perigo por duas meninas solteiras. O major pergunta boçalmente se as peças levam tropa, e a mãe promete levar as filhas ao theatro se a representação não cair n'uma quinta feira, vespera do dia de jejum, e como tal impropria para divertimentos d'aquella natureza. As raparigas encommendam-se a todos os santos da sua devoção, para que a recita venha cair em dia que não complique com aquella annunciada, mas intempestiva prohibição.

N'este momento a bulha de muitos guizos, e os repetidos estalos de chicote accusavam a vinda do correio da provincia. A morgada chammejavam-lhe os olhos; o seu maior desejo era levantar-se da meza, para saber se tinha tido carta do filho; não quiz porém quebrar pela etiqueta, e contentou-se em mandar saber por um criado, se tinha vindó o correio de Coimbra, e se o menino tinha escripto. As duas irmãs olhavam furtivamente uma para outra, querendo dizer com os olhos o que se não atreviam a revelar fallando. O ex-commissario, fulo, como se de repente lhe fugisse uma consoante, recortava uma pomba n'uma codea de pão, e com os olhos fitos n'umas trutas de escabeche não proferia palavra.

Começava-se a receiar que o menino não tivesse escripto; quando o criado, entrando esbaforido, veio desvanecer todas as suspeitas de que tamanha infelicidade tivesse acontecido. A carta abriu-se ali mesmo. Segundo rezavam umas vinte linhas, escriptas em letra maiuscula, era optima a saude do morgado, mas flagrantes as injustiças de que fôra victima. Reprovado plenamente, dava parte á mãe de que o seu maior desejo era ir viajar. Um engenhoso post-scriptum fazia recordar á viuva, que fôra assim que o senhor capitão-mór adquirira um cabedal de conhecimentos, digno de fazer inveja a qualquer abbade formado e reformado. As lagrimas saltavam pelos olhos á morgada, tão copiosas, como tinha sido minguada a erudição do marido, e abundantes as mentiras do senhor seu filho. Um suspiro hypocrita da agafata, foi o ponto final da carta, que apesar de approvada tacitamente em familia, devia ter segunda leitura em opportuna occasião.

Aqui o major tomou a palavra, e n'um estylo torcido e fertil em reticencias, começou apontando os inconvenientes das viagens longiquas, bazeado na auctoridade de Gulliver, e na propria experiencia, exemplificada com uma excursão que fizera em rapaz até á Extremadura hespanhola. N'isto uma perdis com molho de villão fez seccar aquella torrente

de boa e copiosissima prosa, em que os conceitos, correndo parelhas com as bernardices, levavam o velho militar ao capitolio da asneira. Estamos em plena Arcadia. Começam as saudes; as banalidades cruzam-se; e o antigo frequentador do Nicola, impertigado, de copo em punho, n'uma allocução abundante de sédiças trivialidades, bebe á saude da dona da casa um vinho que fôra veneno, a não desmerecer como epilogo da semsaboria do prologo. Acabada a ceia, demos todos graças a Deus, e cada um se retirou para sua casa, excepto eu, a quem um feliz acaso fizera quasi que da familia. Uma cama, fôfa e alvissima, esperava por mim. Para a semana saberá o leitor, se for curioso, a historia de uma paixão toda romantica, contada por uma velha classica nos quatro costados. O dialogo, fielmente por mim transcripto na sua integra, fará bater mais de um coração feminino, e causar a desillusão a mais de um velho enamorado. Lavo d'ahi as minhas mãos. A historia, como eu a hei de contar aqui, pôde talvez deixar de ser verdadeira, mas ha de ao menos ter a novidade do estylo desenxovalhado da matrona a quem de direito compete o merito da narração. Esperem até ao numero seguinte, e verão que lhes fallei a verdade.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

INSTRUCCÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL NA GRECIA.

CREOU-SE ao mesmo tempo, como accessoria a esta escola normal, uma escola primaria modêlo, onde os mancebos destinados a exercer o magisterio se amestrassem na pratica do ensino. Os professores da escola normal primaria, presididos pelo seu director, formavam a commissão de exame, que tratou desde logo de obrigar os mestres existentes a apresentarem-se. Os que puderam sujeitar-se aos exames e provas exigidas (que andavam por uns trinta) ainda que nem todos com tão bom exito como fôra para desejar, principiaram immediatamente a exercer as suas funcções, porque importava ao paiz não ficar por mais tempo privado do ensino primario. Mas só se lhes confiou o encargo de mestre de terceira classe, e com a condição expressa de que dentro de dous annos tornariam a apresentar-se á commissão de exame: se então dessem sufficientes provas de conhecimentos necessarios, poderiam receber a sua nomeação definitiva, ou um accesso proporcionado á sua capacidade.

Ao mesmo tempo que o governo lançava assim os fundamentos da instrucção primaria, provia com igual zêlo á organização do ensino superior. A maior parte das pessoas aptas para este ensino se achavam então fora do reino; o governo as convidou a virem occupar os logares vagos nos gymnasios e na universidade. Mas para que a juventude estudiosa não carecesse entretanto de ensino superior, e com o fim de preparar convenientemente os estudantes, que houvessem de passar á futura universidade, estabeleceu o governo um gymnasio em Egina, o qual se trasladou depois para Athenas, incumbindo da sua direcção o sr. Gennadios, secundado pelos melhores professores.

Dentro em pouco estabeleceu outro gymnasio em Nauplia, aggregando a cada um d'elles uma escola hellenica destinada a servir de modêlo para esta especie de estabelecimentos. Relativamente a outros gymnasios e escolas hellenicas, assim como á uni-

versidade, que devia abrir-se no 1.º de outubro de 1834, resolveu-se esperar o resultado dos convites que se tinham feito, elaborando-se entretanto os regulamentos necessarios para taes instituições. Estava-se porém n'estes preparativos, quando sobreveiu uma mudança no pessoal da regencia, que retardou por largo tempo a execução d'este projecto. Entretanto se foram creando pouco a pouco algumas escolas hellenicas, e se esperava com maior impaciencia cada dia o estabelecimento da universidade, quando finalmente, em 1837, se deram subitamente as ordens concernentes a este objecto. Alguns dias depois el-rei, que voltava á Grecia com a sua formosa esposa, desembarcou no Pyreu, e confirmou com muito prazer um instituto que elle se havia proposto estabelecer no paiz desde muito. D'este modo se concluiu o edificio da instrucção publica na Grecia, e o que coroou este edificio foi receber a universidade uma existencia legal. Apesar de tudo ainda havia muito que fazer para que a lei fosse uma realidade. Só um pequeno numero de professores tinha tido até então occasião de exercitar-se no ensino publico; e por outra parte era mui difficil reunir um numero sufficiente de estudantes convenientemente preparados, porque os gymnasios ainda não tinham recebido todo o desenvolvimento necessario. Estavam aliás quasi desprovidos de livros, collecções e instrumentos de physica e astronomia. Não existia local adequado para as cadeiras. O unico edificio de Athenas, que por suas dimensões podia até certo ponto bastar para as primeiras necessidades, era de difficil e até perigoso accesso de inverno e de verão.

Como estava definitivamente fundada a universidade de Athenas, nada se omittiu para remediar as faltas que apresentava esta nova criação. O thesouro publico se encarregou de pagar os ordenados dos professores, e o aluguer dos edificios occupados, subministrando as sommas necessarias para compra de livros, instrumentos, etc.

Varias pessoas fizeram donativos d'esta especie á universidade, e algumas lhe offereceram bibliothecas inteiras. Outras, e entre ellas o sr. Brandis, que se achava então na Grecia, o sr. Rhallis, actualmente ministro da justiça, e o sr. G. Dokos, que merecem especial menção, conceberam depois o projecto de proporcionar á universidade, por meio de subscripções voluntarias, um bello e espaçoso edificio, capaz de conter não só as aulas e amphitheatros, mas tambem as galerias necessarias para as bibliothecas e collecções scientificas. A este pensamento patriotico se deve estar já terminada a parte mais dispendiosa das construcções (1). El-rei mesmo quiz contribuir para a edificação d'esta obra de utilidade publica por meio de um donativo de 6:000 drachmas do seu bolsinho.

Eis a historia dos progressos da instrucção publica na Grecia no espaço de dous annos. Segue-se agora o quadro do estado actual do ensino n'este novo reino. Se se considerar os escassos recursos de que pode dispor, e o que tem sido necessario fazer n'um paiz onde tudo estava por crear, se conhecerá que não ha exaggeração alguma em quanto fica dito sobre o zêlo da nação e do governo para a organização e desenvolvimento da instrucção publica.

(Continúa.)

L.

(1) O edificio da universidade está construido com gosto, no estylo antigo. A bibliotheca pode conter duzentos mil volumes.